



# REVISITANDO A ESTRUTURA DOS *BLENDS* NA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA: CONTRIBUIÇÕES DE DADOS COMERCIAIS

---

LYDSSON AGOSTINHO GONÇALVES\* | MAÍRA CANDIAN\*\*

---

**Resumo:** O presente trabalho busca, a partir do quadro teórico da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), analisar a derivação de um conjunto de nomes de bebidas alcóolicas cuja formação se dá a partir da junção entre o nome do ingrediente principal, *cachaça*, e o termo que indica o sabor, como *abacaxaça* < *abacaxi* + *cachaça*. Nossa análise está fundamentada em estudos recentes (MINUSSI; NÓBREGA, 2014; NÓBREGA; MINUSSI, 2015; SCHER, 2012, 2016; SCHER; MARANGONI JUNIOR, 2020; entre outros) e estabelece uma interface entre eles, ao adotar a existência de um núcleo avaliativo, [EVAL], e o acesso da lista 3 ao componente morfológico, o que resulta na influência da Enciclopédia na inserção de vocabulário e, conseqüentemente, na sobreposição de segmentos fonológicos e na leitura apreciativa dos *blends*. Uma estipulação simples em PF atua para garantir que a forma fonológica ótima resulte da união das palavras, dispensando hierarquias complexas em favor de um mecanismo análogo à inserção de vocabulário. Como potenciais desdobramentos, apontamos para uma expansão do conjunto analisado, investigando os *blends* comerciais atestados na cultura brasileira de forma geral a partir da nossa proposta.

**Palavras-chave:** Morfologia Distribuída, *blends*, *blends* comerciais, português brasileiro

**Abstract:** The present study seeks, under the framework of Distributed Morphology (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), to analyze the derivation of a set of alcoholic beverages' names whose formation occurs as in blended words, with the fusion between the main ingredient's name, *cachaça*, and the term indicating the flavor, such as *abacaxaça* < *abacaxi* + *cachaça*. Our analysis is based on contemporary studies (MINUSSI; NÓBREGA, 2014; NÓBREGA; MINUSSI, 2015; SCHER, 2012, 2016; SCHER; MARANGONI JUNIOR, 2020) and establishes an interface between them, by adopting the presence of an evaluative morpheme, [EVAL], and list 3's access to the morphological component, which results in the Encyclopedia's influence over vocabulary insertion and, consequently, over the reduction of phonological segments and the blends' appreciative reading. A simple stipulation at PF acts in a way to ensure the optimal phonological form results from the blending of words, dispensing with complex hierarchies in favor of a mechanism that is analogous to vocabulary insertion. As future developments, we point to an expansion of the analyzed set of words, investigating commercial blends generally attested in Brazilian culture under our proposal.

**Keywords:** Distributed Morphology, blends, commercial blends, Brazilian Portuguese

---

\* Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da UFJF, com bolsa CAPES, e-mail: lydsson.goncalves@gmail.com.

\*\* Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da UFJF, com bolsa CAPES, e-mail: maira.candian@gmail.com.

## 1 INTRODUÇÃO

A análise do presente trabalho tem como dados os nomes de bebidas alcóolicas da marca Cachaça na Garrafa™, formados pela junção do ingrediente principal, *cachaça*, com o nome do sabor, como em *abacaxaça* (*abacaxi + cachaça*) ou vice-versa, como em *cachaçafé* (*cachaça + café*). Nosso objetivo é investigar como se dá a derivação desses nomes dentro do quadro teórico da Morfologia Distribuída, doravante MD (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997; entre outros trabalhos), uma perspectiva sintática de formação de palavras, segundo a qual esta não se difere fundamentalmente da formação de sentenças, já que ambos os processos envolvem a construção de estruturas hierárquicas complexas.

Recorremos aos trabalhos de Minussi e Nóbrega (2014) e Nóbrega e Minussi (2015), que propuseram uma análise para os *blends* do português brasileiro baseada em interações do componente enciclopédico da MD, e também às propostas de Scher (2012, 2016), Scher e Marangoni Junior (2020) e Marangoni Junior (2021), que abordam formas nominais truncadas (FNTs) e *blends* via a introdução de um núcleo avaliativo, [EVAL], na sintaxe. Submetendo nossos dados às caracterizações desses autores, identificamos que os nomes das bebidas da Cachaça na Garrafa™ apontam para a presença do morfema [EVAL] e também para o acesso adicional da Enciclopédia no processo de fusão das palavras; logo, empreendemos uma interface entre as duas linhas de análise mencionadas.

O trabalho se divide em seis seções, com esta introdução considerada a primeira, e se organiza da seguinte maneira: na segunda seção, descrevemos o fenômeno brevemente; na terceira, trazemos os dados a serem analisados no artigo; a seguir, na quarta seção, revisamos as propostas que fundamentam a análise; na quinta seção, exploramos nossa proposta para os dados que escolhemos abordar; por fim, concluímos com uma sexta seção de considerações finais acerca das discussões levantadas.

## 2 O FENÔMENO

Os *blends* são processos de formação de palavras em que há um encurtamento ou fusão das palavras-base (e.g.: *namorido*, *boadrasta* e *chafé*)<sup>2</sup>. Esse tipo de formação não é um fenômeno exclusivo do português, sendo atestado também em outras línguas, por exemplo, inglês, japonês e grego moderno, entre outras (cf. MINUSSI; NÓBREGA, 2014). No

1 Proveniente de Minas Gerais, Cachaça na Garrafa™ é uma marca de bebidas alcóolicas feitas com cachaça — aguardente produzida a partir da fermentação e destilação da cana-de-açúcar —, frutas e raízes. A sua página comercial situada no *Instagram* traz a seguinte descrição: “cachaça artesanal e natural que valoriza as frutas tropicais do Brasil e as raízes de Minas Gerais”. Texto no *Instagram* @cachacanagarrafa. Disponível em: <<https://www.instagram.com/cachacanagarrafa/>>. Acesso em: 29 nov. 2021.

2 O processo também é chamado por vezes de *blending*. Outros nomes encontrados na literatura em português são *cruzamento vocabular*, *palavra-valise* e *mesclagem lexical* (MINUSSI; NÓBREGA, 2014). O termo *blend* é, em geral, o mais utilizado nos trabalhos com os quais nosso estudo dialoga, e por isso o adotamos.

português, através dessa junção de duas palavras em uma só que carrega a semântica de ambas as bases (e.g.: *namorido* < *namorado* + *marido*; *boadrasta* < *boa* + *madrasta*; *chafé* < *chá* + *café*), os *blends* se caracterizam também por promoverem um efeito estilístico, na maioria das vezes cômico.

Uma análise recente no âmbito da MD descreve os *blends* como “formações resultantes de um processo de junção de duas ou mais palavras-fonte, sendo que pelo menos uma delas deve sofrer algum tipo de sobreposição ou de perda fonológica” (SCHER; MARANGONI JUNIOR, 2020, p. 4645). Na linha de análise seguida por Scher (2012, 2016), o efeito estilístico jocoso advém de um morfema específico, o [EVAL], que o desencadeia; já segundo a proposta de Minussi e Nóbrega (2014), ele advém de um *input* da lista 3 que ocorre durante a formação dos *blends*.

Ambas as propostas possuem evidências importantes a seu favor, e nossa defesa é a de que elas não são excludentes, com tanto o morfema [EVAL] quanto a Enciclopédia atuando para garantir a formação fonológica e semântica adequada. Demonstraremos isso com a análise dos nossos dados. Para tanto, primeiro os apresentaremos, na próxima seção.

### 3 DADOS

Nosso objeto de análise são nomes comerciais de cachaças que se comportam como *blends*, pois são formados pela fusão entre a palavra-base *cachaça* e a palavra-base que indica o sabor da bebida. Nossos dados apresentam a relação gramatical de atribuição, cujo núcleo, *cachaça*, recebe o termo que identifica o sabor (*abacaxi*, *café*, entre outros) como modificador, por exemplo: *abacaxaça* < *cachaça* de *abacaxi*; *cachaçafé* < *cachaça* de *café*. O núcleo deve ser sempre o mesmo, pois todas essas palavras são tipos de *cachaça*. Contudo, a ordem linear das palavras oscila entre *cachaça* + nome que denota sabor e vice-versa. Abordaremos isso adiante, na seção de análise. Por ora, listamos os quatorze dados, bem como as palavras-base que os constroem, em (1), a seguir:

- (1) *Blends* da marca Cachaça na Garrafa™:
  - a. *Abacaxaça* < *abacaxi* + *cachaça*;
  - b. *Cachaçafé* < *cachaça* + *café*;
  - c. *Cachaçalão* < *cachaça* + *melão*;
  - d. *Cachaçarina* < *cachaça* + *tangerina*;
  - e. *Cachavelã* < *cachaça* + *avelã*;
  - f. *Canelaça* < *canela* + *cachaça*;
  - g. *Cocachaça* < *coco* + *cachaça*;
  - h. *Laranchaça* < *laranja* + *cachaça*;
  - i. *Limonaça* < *limão* + *cachaça*;
  - j. *Mangachaça* < *manga* + *cachaça*;
  - k. *Melaça* < *mel* + *cachaça*;
  - l. *Melanchaça* < *melancia* + *cachaça*;
  - m. *Morangachaça* < *morango* + *cachaça*;
  - n. *Pimentaça* < *pimenta* + *cachaça*.

Nosso objetivo é analisar a formação desses nomes a partir das propostas de Minussi e Nóbrega (2014), Nóbrega e Minussi (2015), Scher (2012, 2016), Scher e Marangoni Junior (2020) e Marangoni Junior (2021), todas as quais foram desenvolvidas sob os pressupostos da MD. Para tanto, elencamos duas justificativas: uma que fundamenta a escolha dos dados e outra que explica a seleção do quadro teórico da MD.

Embora existam diversos trabalhos dedicados à análise de *blends* de maneira geral, a formação de *blends* comerciais, que são muito recorrentes na cultura brasileira (e.g.: *Sobrانشeila*, *Faceboorguer*, *Acarajéssica* etc.), ainda é relativamente pouco explorada na literatura. Possivelmente, isso se deve ao fato de que esses *blends* possuem a característica de ter sua funcionalidade voltada principalmente para gerar venda, além de serem (assim como todos os *blends*) criações conscientes e não plenamente difundidas pela língua. Não anulamos tal fato, pois compreendemos que são nomes criados de forma proposital para gerar efeitos de marketing no público consumidor. Por outro lado, tais criações se comportam como verdadeiras palavras da língua, respeitando suas exigências morfológicas e fonológicas, por exemplo, como qualquer *blend*. Ademais, como apontam Minussi e Nóbrega (2014), há que se considerar que os *blends* são formações intencionais dos falantes de maneira geral, no sentido de que sempre envolvem a pretensão de associar dois conceitos de maneira jocosa. Dessa maneira, os *blends* usados de maneira comercial não se diferenciam dos demais.

Com relação ao conjunto específico que escolhemos analisar, ele se mostra pertinente principalmente pelo fato de que os catorze dados possuem uma composição semelhante, tanto na semântica quanto no padrão de junção de palavras (cachaça e ingrediente ou vice-versa), e uma certa uniformidade em sua composição, o que permite a identificação de uma espécie de paradigma. Isso é algo pouco comum, pois geralmente os *blends* são únicos (i.e., *namorido* e *apartamento*), formados em contextos muito específicos. Devido a essa particularidade dos nossos dados, o presente estudo proporciona uma oportunidade de averiguar as interações entre as palavras-base — em especial a palavra *cachaça* no nosso caso, pois ela está presente em todas as formações — mais a fundo, devido à sua repetição e interação com outros elementos. Assim, podemos extrair propriedades do fenômeno de maneira mais fundamentada.

A escolha do quadro teórico se deve às ferramentas que a MD proporciona para analisar passo a passo a formação de palavras e, simultaneamente, permitir uma interação com a sintaxe. Isso é relevante pois, como vários trabalhos demonstram, os *blends* possuem estruturas sintáticas diversas dentro de si (coordenação, subordinação etc.); logo, essa interação é necessária. Além disso, no âmbito da MD, há trabalhos com grande visibilidade e relevância analisando *blends* de maneira geral, o que nos fornece uma base sólida para a discussão. Sendo assim, notamos a possibilidade de aplicar as análises já propostas de maneira regularizada, devido à padronização que nossos dados apresentam.

Os pressupostos teóricos da MD, bem como a perspectiva dos autores supracitados, foram selecionados para que possamos verificar a adequação das propostas nesse conjunto

específico de dados que, por repetirem certo padrão, oferecem a oportunidade de lançar um olhar unificado sobre eles e tirar conclusões mais fundamentadas, uma vez que teremos catorze dados para verificar se a previsão feita em um deles se aplica também aos outros. No âmbito da MD, um modelo de natureza universalizante no qual tudo atua sob os mesmos preceitos gerais, entendemos que, se for possível estabelecer uma proposta compatível com um paradigma e não apenas com um dado individual, a tendência é que a teoria se aplique melhor e de forma mais ampla se expandida. Nesse sentido, ainda que os nossos dados sejam relativamente específicos e detentores de semântica muito particular, em termos morfológicos a previsão que se tira é mais ampla.

Tendo estabelecido as bases teóricas para a investigação, avançaremos agora para uma revisão da literatura em que nos baseamos.

## 4 REVISÃO DA LITERATURA

Nosso trabalho se baseia principalmente na caracterização de *blends* de Minussi e Nóbrega (2014) e Nóbrega e Minussi (2015), além de incorporar parte dos mecanismos vistos em Scher (2016) e Scher e Marangoni Junior (2020). Assim, é importante retomar os pontos principais das propostas em questão.

Minussi e Nóbrega (2014) defendem que, embora a sobreposição/substituição de segmentos seja a característica mais notável nos *blends*, a motivação para a sua formação deve vir da semântica. Seriam duas as razões principais para isso. Em primeiro lugar, há diversos *blends* em que não há qualquer afinidade fonológica entre as palavras mescladas, como *boadrasta* (*boa* + *madrasta*). Se os *blends* tivessem uma exigência de semelhança fonológica entre as bases para se realizarem, dados como esse não seriam lícitos. O segundo ponto é que, no português, *blends* estão associados a leituras jocosas ou apreciativas. Os autores concluem: “de fato, o que há de mais saliente na formação dos *blends* é o apagamento ou sobreposição de segmentos, porém, isso parece ocorrer somente quando há uma motivação semântica para a mesclagem, a qual viabiliza os efeitos estilísticos encontrados” (MINUSSI; NÓBREGA, 2014, p. 165).

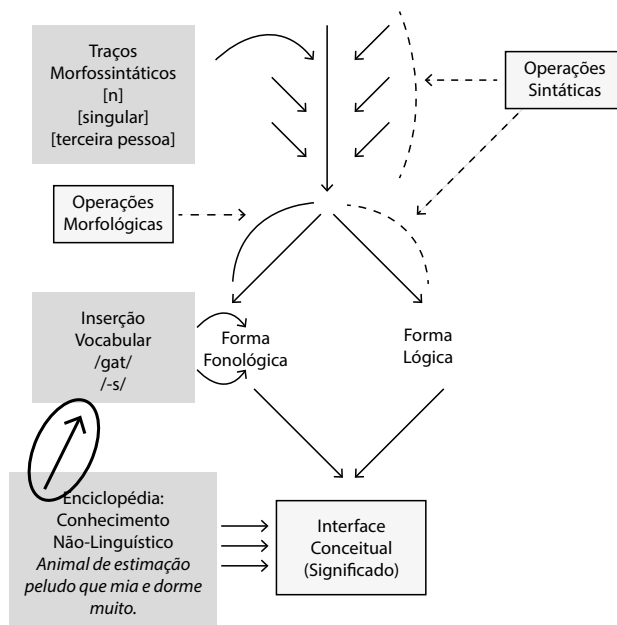
Um mecanismo para a incorporação de tais efeitos é visto em Scher (2016), que, numa análise das formas nominais truncadas (FNTs), como *cerveja* → *cerva*, propõe que sua construção inclui, na sintaxe, um núcleo avaliativo chamado [EVAL]. Esse núcleo codifica uma leitura apreciativa, presente sistematicamente nas FNTs, ao ser interpretado por LF. Em outras palavras, a própria formação sintática já incluiria essa informação. Em Scher e Marangoni Junior (2020), o mesmo núcleo é aplicado também à formação dos *blends*. Grosso modo, para esses autores, os *blends* seriam formados na sintaxe de modo quase idêntico às palavras compostas, apenas acrescentando o núcleo [EVAL], o qual faz com que a leitura jocosa seja desencadeada<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Há também efeitos sintáticos, para permitir a redução e a mesclagem dos elementos, bem como uma série de fatores que interagem com esse núcleo no momento da inserção de vocabulário para garantir que a forma

Em seu trabalho, porém, Minussi e Nóbrega (2014) argumentam contra o núcleo [EVAL], já que, segundo os autores, não haveria motivação para um elemento como esse, cuja atuação se relaciona a efeitos estilísticos, estar presente na sintaxe. Em lugar disso, sua proposta envolve uma atuação mais ampla da lista 3, a Enciclopédia. Essa lista, na qual se armazenam os conhecimentos extralinguísticos, também chamados de “semântica de mundo”, é comumente tida como algo acessado no momento da computação de LF, o componente interpretativo da gramática, de maneira paralela a como a lista 2 é acessada por PF para a inserção de vocabulário. De maneira geral, ela vincularia a semântica lógica, derivada da sintaxe, ao conhecimento de mundo. Todavia, o funcionamento da lista 3 não é consensual, e há autores que defendem que ela interage tanto com LF quanto com PF. Minussi e Nóbrega (2014) se inserem no debate com sua proposta de *blends*, assumindo que é justamente o acesso de PF à Enciclopédia que permite a sobreposição de elementos nessas formações.

Basicamente, a leitura jocosa estaria no domínio da Enciclopédia e, como em português os *blends* estão associados a essa leitura, quando a Enciclopédia faz contato com PF, é desencadeado o processo de mesclagem. A figura a seguir, elaborada pelos autores com base em Siddiqi (2009), ilustra como esse acesso se daria considerando-se a estrutura de gramática da MD:

**FIGURA 1 — ESTRUTURA DE GRAMÁTICA DA MD**



Fonte: adaptado de Minussi e Nóbrega (2014, p. 170).

mais adequada para o *blend* se realize. Devido às limitações de espaço, concentraremos o debate aqui nos efeitos semânticos desse núcleo, que são os mais relevantes para o nosso trabalho.

Esse processo, por sua vez, funcionará de maneira levemente diferente a depender do tipo de conteúdo com o qual a Enciclopédia se depara. Com isso, *blends* de naturezas distintas podem surgir. Minussi e Nóbrega (2014) e Nóbrega e Minussi (2015) defendem que os *blends* se dividem em três tipos: fonológicos, morfológicos e semânticos. Em todos os casos, há a sobreposição ou substituição de segmentos nas palavras de base, mas os critérios que as regem mudam. Suas propriedades gerais são sumarizadas a seguir:

- (i) **Blends fonológicos** são caracterizados como aqueles em que há a presença de um ou mais segmentos fonológicos idênticos sendo sobrepostos — por exemplo, *roubo* + *rodízio* → *roubo* + *rodízio*. Nesse caso, ocorre um reconhecimento de segmentos idênticos para que haja a sobreposição.
- (ii) **Blends morfológicos** são aqueles em que não há segmentos idênticos e, por isso, também não há sobreposição; além disso, as palavras-fonte são ambas truncadas — por exemplo, *cariúcho* → *carioca* + *gaúcho*. Aqui a mesclagem se dá via reconhecimento de informações suprasegmentais, sendo o ponto de maior semelhança o escolhido para a união das bases. No exemplo em questão, /ɔ/ em *carioca* e /u/ em *gaúcho* são ambas vogais orais tensas posteriores e arredondadas, e a diferença está apenas na altura: /ɔ/ é média baixa e /u/ é alta; além disso, são sílabas tônicas e a posição silábica em que ocorrem é a mesma: são as vogais de ditongos crescentes)<sup>4</sup>.
- (iii) **Blends semânticos** apresentam uma reanálise semântica de um conjunto de segmentos de uma das palavras-fonte — por exemplo, *madrasta*, no qual o segmento /ma/ foi reanalisado como o adjetivo *má*, que então foi trocado pelo seu antônimo, *boa* → *boadrasta*. Os *blends* semânticos se revelam a maior evidência a favor de um acesso da Enciclopédia segundo os autores, já que neles se vê uma interação entre sequência fonológica e sua associação com a semântica de mundo.

A caracterização dos três tipos de *blends* desses autores se mostra competente para capturar as diferenças observáveis entre eles e, por isso, nos parece um bom ponto para iniciar nossa análise. Antes disso, porém, precisamos mencionar ainda que não são apenas essas diferenças que caracterizam os três tipos de *blend* na proposta de Minussi e Nóbrega (2014) e Nóbrega e Minussi (2015). Eles também estão associados a estruturas sintáticas distintas. Dizem os autores:

os *blends* fonológicos e os *blends* semânticos, contrariamente aos *blends* morfológicos, serão formados a partir de duas raízes categorizadas, em uma

4 Deve-se ressaltar, portanto, que o termo “morfológico” para caracterizar esse tipo de *blend* faz referência não ao processo de mesclagem em si — que envolve uma avaliação suprasegmental, isto é, fonológica — mas à forma como ele se constitui de maneira geral. Como veremos a seguir, esse tipo de *blend* possui particularidades também na sintaxe, sendo formado por duas raízes, ou seja, dois morfemas livres na visão da MD. Como esse também é um fator relevante, os autores optaram pela nomenclatura *blend* morfológico.



configuração semelhante à de um sintagma. No entanto, para os *blends* morfológicos, defendemos que esses são formados por apenas uma raiz, de modo que o segundo constituinte do *blend* funciona como um sufixo e a sua formação sintática ocorre como a de uma palavra derivada, em que há uma raiz e um afixo. (MINUSSI; NÓBREGA, 2014, p. 176)

Dessa maneira, a formação sintática também influenciaria na maneira como os *blends* se realizam de fato na língua, já que os domínios de interação fonológica sobre uma sequência de sintagmas diferem daqueles sobre uma palavra com sufixo. Após a inserção de vocabulário, quando a Enciclopédia entra em contato com a sequência que foi produzida, os seguintes efeitos ocorrem:

- (i) Se há similaridades fonológicas entre os dois elementos constituintes e esses elementos são formados por duas raízes, as palavras-fontes sofrerão uma sobreposição e, como resultado, teremos um *blend* fonológico.
- (ii) Se não houver segmentos fonológicos idênticos, as palavras-fontes deverão se sobrepor nos pontos em que há um alto grau de similaridade suprasegmental, por exemplo, sílaba acentuada, resultando em um *blend* morfológico.
- (iii) Nos casos de *blends* semânticos, há uma reanálise de segmentos de uma das palavras-fontes. Isso acontece quando o acesso da Lista 3 ao resultado da inserção de vocabulário reinterpreta segmentos fonológicos como uma raiz, e causa a substituição dos segmentos reanalisados por segmentos equivalentes a outra raiz com traços enciclopédicos opostos. (MINUSSI; NÓBREGA, 2014, p. 177)

Assim, os autores estabelecem um sistema bastante robusto para sua proposta. Os dados que analisamos em nosso trabalho, à primeira vista, parecem se comportar bem como *blends* dos tipos fonológico e morfológico, como veremos a seguir. Entretanto, há algumas particularidades que nos fazem questionar parte do sistema. Com isso, traremos, na próxima seção, uma nova análise desenvolvida a partir desses dados, que incorpora parte dos pressupostos dos autores, mas também faz importantes modificações, entre as quais se encontra a reintrodução do núcleo [EVAL] de Scher (2012, 2016).

## 5 ANÁLISE

Num primeiro momento, com uma análise superficial dos dados disponíveis, podemos supor que eles se configurariam como *blends* fonológicos ou morfológicos de acordo com a tipologia de Minussi e Nóbrega (2014) e Nóbrega e Minussi (2015), como os exemplos a seguir atestam:

- a. *Blends* fonológicos: presença de segmentos idênticos
  - abacaxi + cachaça = abacaxaça
  - cachaça + café = cachaçafé
- b. *Blends* morfológicos: semelhanças suprasegmentais
  - laranja + cachaça = laranchaça
  - /ʒ/ e /ʃ/ são ambos fricativos pós-alveolares
  - melancia + cachaça = melanchaça
  - /s/ e /ʃ/ são ambos fricativos



Não temos dados que poderiam ser classificados como *blends* semânticos, pois todos possuem uma interpretação composicional transparente das duas palavras de base, sempre resultando na leitura “cachaça de sabor X”. Nenhum segmento sofre a reanálise. Os *blends* fonológicos, por sua vez, se comportam de maneira previsível. Porém, surge uma questão com alguns dados de *blends* morfológicos. Teríamos *blends* desse tipo tanto com a sequência “cachaça + sabor”, como *cachaçarina* (com as vogais /a/ e /e/ atuando como os elementos de semelhança suprasegmental), quanto com a sequência “sabor + cachaça”, como *laranachaça*, mencionada acima. Isso torna questionável qual elemento (*cachaça* ou o termo que indica o sabor) atuaria como raiz e qual atuaria como sufixo nessas construções.

Considerando que são dois tipos de sequência (*cachaça* + sabor e sabor + *cachaça*), para que os dois elementos que compõem o *blend* possam ser analisados um como núcleo e outro como sufixo, parece-nos que a relação morfológica entre eles deveria ser diferente em cada sequência: raiz *cachaça* + sufixo “sabor” ou raiz “sabor” + sufixo *cachaça*. Caso contrário, seria preciso postular ainda algum tipo de movimento para inverter a ordem linear em alguns dados e não em outros, algo que parece pouco motivado, uma vez que não parece haver qualquer restrição fonológica que forçaria algo do tipo (“tangerinaça” ou “cachaçaranja” não violariam nenhuma regra da fonologia da língua). Por outro lado, caso qualquer um dos dois elementos possa ocupar tanto a posição de raiz quanto a de sufixo, é peculiar que a semântica básica seja sempre a mesma nessas formações (“cachaça de X”), sem reagir à hierarquia dos constituintes.

Nesse sentido, a própria natureza desse elemento que funciona como sufixo nos *blends* morfológicos não parece suficientemente explorada. Há que se ressaltar que, para Minussi e Nóbrega (2014, p. 176), o sufixo é sempre o segundo elemento (ou seja, os autores não preveem a possibilidade de inversão). Eles ainda afirmam que:

O caráter afixal do segundo elemento em um *blend* morfológico deriva de seu comportamento preso e recorrente, semelhante a um *splinter* (cf. BAUER 2005, GONÇALVES, 2011), ou seja, ‘pedaços de palavras utilizados com fins lexicais e geralmente resultam de processos de fusão vocabular’ (cf. GONÇALVES, 2011, p. 71). Em nossa análise, são considerados casos de *splinters* elementos como *-tone*, encontrado em *panetone*, *chocotone*, e *-trocínio*, que foi truncado da palavra *patrocínio* e reutilizado em *blends* como *capestrocínio*, *irmãotrocínio*, *paitrocínio*, etc.

Isso sugere que é preciso haver uma certa produtividade, um uso recorrente de um certo fragmento de palavra, para que ele possa ser analisado como um *splinter*. Em outras palavras, tal elemento possivelmente teria mesmo sido reanalisado como um sufixo na língua. Não está claro que todos os *blends* morfológicos possuam algo do tipo. Os dados apresentados pelos próprios autores, como *cariúcho* e *portunhol*, podem servir como contraexemplos, posto que não parece haver uma série de palavras com *-nhol* como há com *-trocínio*. Em nossos dados, seria possível analisar o *-chaça* de *cachaça* como um *splinter*, já que é recorrente dentro dos dados, mas os sabores que formariam “sufixos”, como o *-afé* de *cachaçafé*, não exibem o mesmo comportamento. Resta ainda a questão de por que *cachaça* seria o núcleo semântico tanto como núcleo sintático quanto como sufixo. Embora

seja totalmente possível um sufixo carregar a informação principal de uma construção (como fazem os sufixos *-ção* e *-eiro*, entre outros), a questão aqui é uma mudança de estatuto sintático que aparentemente não acarretaria reflexos interpretativos.

Outra questão é que os tipos de *blends* propostos por Minussi e Nóbrega (2014) precisam da convergência de uma série de fatores para serem lícitos, e não está claro o que ocorreria se nem todos se fizessem presentes. Por exemplo, os *blends* fonológicos precisam de segmentos fonológicos idênticos e, simultaneamente, de serem formados por duas raízes; o que ocorreria se possuísem segmentos idênticos e fossem formados por raiz e afixo? Por sua vez, os morfológicos já precisam de segmentos semelhantes a nível suprasegmental e de serem formados por uma raiz e um afixo. Pergunta semelhante pode ser feita: o que ocorreria se fossem duas raízes?

Nossos dados contribuem para o questionamento, pois encontramos o *-chaça* de *cachaça* tanto nos *blends* que seriam considerados fonológicos quanto nos que seriam considerados morfológicos na proposta dos autores. Desse modo, não se pode supor que há algum tipo de restrição que impeça *-chaça* de atuar como sufixo ou como parte de uma raiz que foi truncada. Assim, qual seria a motivação para postular duas análises distintas? Não nos parece haver nenhuma restrição, teórica ou empírica, para se considerar que *-chaça* seria na verdade um sufixo tanto em *abacaxaça* quanto em *melanchaça* (fonológico e morfológico, respectivamente, se seguirmos a lógica dos autores citados). Uma sobreposição ou uma interação entre segmentos morfológicos, a princípio, não nos diz nada sobre as bases presentes na sintaxe.

Sendo assim, defendemos que não há motivo para tal dissociação entre raiz e afixo nas formações, já que a sobreposição/mesclagem acontece no ramo de PF, após a inserção de vocabulário, e atua com base em informações fonológicas (fonologia idêntica ou com semelhança suprasegmental). Ademais, Minussi e Nóbrega (2014) afirmam que o acesso da Enciclopédia é feito após a linearização, processo que, por definição, substitui relações hierárquicas, sintáticas, por relações lineares, fonológicas (cf. EMBICK, 2015). A essa altura, a natureza inicial dos elementos na sintaxe não deveria mais ser (tão) relevante. O único requerimento para que processos de reajuste possam ser ativados nesse momento deveria ser a presença de ambos os elementos na mesma fase, algo que já seria necessário de todo modo.

Considerando essas questões, propomos que não há uma divisão sintática entre os tipos de *blends*. Nesse caso, eles seriam formados a partir do *merge* de duas raízes com a categoria já estabelecida — isto é, radicais —, sendo essencialmente como sintagmas, como Minussi e Nóbrega (2014) também defendem. Ainda mais especificamente, seguiremos a visão de Marangoni Junior (2021), que defende um *merge* adicional desse sintagma com um novo núcleo *n*, o qual estabelecerá o novo domínio de palavra para o composto (já que, para o autor, compostos e *blends* compartilham da mesma estrutura básica)<sup>5</sup>. A vantagem de se

<sup>5</sup> A proposta de Marangoni Junior (2021), por sua vez, se ancora na de Nóbrega (2014), que defendeu essa

aplicar essa estrutura é que ela permite que sintagmas de relações diversas se convertam em compostos ou *blends*, algo importante para dar conta das diversas relações que podem ser observadas entre os dois elementos (coordenação, subordinação, atribuição etc.).

Até o momento, nossa visão sintática se aproxima mais, então, dos trabalhos de Scher e Marangoni Junior (2020) e Marangoni Junior (2021). Resta, assim, discutir a necessidade e a adequação do núcleo [EVAL], e se ele é mais vantajoso do que um acesso da Enciclopédia ao conteúdo de PF. Scher e Marangoni Junior (2020) apresentam argumentos a favor da presença de um núcleo [EVAL] na sintaxe, retomando Villalva (2000) e Prieto (2005). De maneira geral, esses autores trazem evidências de que os processos que geram leituras de cunho avaliativo estão comumente associados a uma morfologia própria, muitas vezes sufixal, com efeitos morfossintáticos previsíveis (manutenção da categoria e da estrutura argumental, precedência com relação à flexão, entre outros). Logo, seria necessário que sua presença já se fizesse valer na sintaxe. Ademais, na MD, a sintaxe atua com primitivos oriundos da lista 1, que, por sua vez, é como um subconjunto dos traços disponíveis na gramática universal. Sendo a avaliação algo presente em inúmeras línguas, faz sentido pensar que poderia constar na lista 1.

Desse modo, a argumentação geral de Minussi e Nóbrega (2014) contra o núcleo, uma suposta inadequação com relação às funções da sintaxe, parece não se manter. Além disso, outras questões apontadas pelos autores podem ser repensadas. Para eles, o [EVAL] na sintaxe constituiria um mecanismo de *look-ahead*, pois “o *input* responsável por encurtar a estrutura em PF já seria dado na sintaxe” (MINUSSI; NÓBREGA, 2014, p. 175). Essa crítica, porém, pode ser questionada, já que essencialmente todos os elementos que estão na sintaxe desencadeiam algo em PF (nem que seja uma busca vocabular que não resulta em nada). O núcleo [EVAL] não carrega a informação de que a palavra deve ser reduzida ou mesclada, mas sim a informação avaliativa. É a leitura de PF que promove o efeito fonológico. Assim, não há, a rigor, um *look-ahead*.

Outro ponto da argumentação dos autores é a de que, translinguisticamente, os *blends* não têm sempre a leitura avaliativa; no japonês, por exemplo, eles ocorrem por conta de uma “restrição fonológica imposta pela gramática” (MINUSSI; NÓBREGA, 2014, p. 165). Logo, não deveríamos associar o [EVAL] a essas estruturas. Todavia, esse mesmo argumento também serve para a proposta dos autores de que a sobreposição dos elementos é desencadeada pela Enciclopédia: se não há qualquer leitura especial e *blends* podem resultar de exigências puramente fonológicas, a Enciclopédia não é mais um fator determinante também.

Com isso, parece-nos que a atribuição do fenômeno puramente à Enciclopédia é pouco adequada. Por outro lado, como demonstram Scher e Marangoni Junior (2020), a expressão avaliativa pode se realizar de maneiras distintas translinguisticamente. Tendo em vista casos como o do japonês, em que os *blends* não apresentam nenhuma relação com efeitos

---

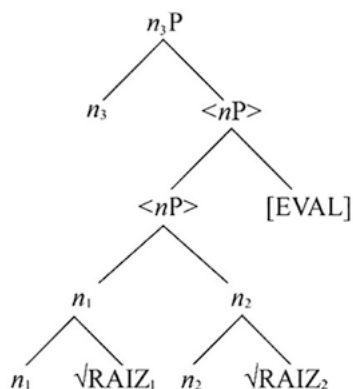
mesma estrutura anteriormente.

enciclopédicos, mas sim puramente fonológicos, nossa proposta é a de que não há, *a priori*, nem um requerimento enciclopédico e nem do núcleo [EVAL] para essas formações, ou seja, uma língua pode ter *blends* que não sejam avaliativos. No português, porém, eles estão associados a leituras jocosas.

Tendo em mente que (i) leituras avaliativas se realizam de várias maneiras nas línguas e (ii) são parte do repertório das línguas de maneira geral, propomos uma interação entre [EVAL] e a Enciclopédia. Os *blends* do português possuem [EVAL] na sua estrutura sintática, porque são associações de palavras com fins avaliativos, comumente jocosos. Na nossa língua, a presença desse núcleo num composto promove a mesclagem — mas apenas após o acesso enciclopédico, como propõem Minussi e Nóbrega (2014), porque as reduções de palavras, de modo geral, estão associadas a tal leitura na nossa língua. Havendo [EVAL] concatenado a um único núcleo  $n$ , reduz-se a palavra (FNT); a um composto, as palavras-base se mesclam<sup>6</sup>.

Em suma, defendemos, então, que a presença do núcleo [EVAL] e do acesso da Enciclopédia para a formação dos *blends* não são excludentes e que, de fato, ambos são necessários no português — mas não em outras línguas, em que essa mesclagem pode ser desencadeada puramente por necessidades de PF<sup>7</sup>. Com isso, propomos uma estrutura idêntica à de Scher e Marangoni Junior (2020) e Marangoni Junior (2021) em termos de sintaxe, a qual apresentamos abaixo:

(2) Estrutura sintática dos *blends*



(adaptado de Scher e Marangoni Junior (2020))

6 Cabe ressaltar que a implicatura jocosa não é a única possível nesse tipo de formação. Ela de fato parece ser a mais comum nos *blends* do português, mas, como aponta Villalva (2000), o sentido avaliativo envolve processos psicológicos, que podem ser de diversos tipos, expressando carinho, pejoratividade, intensificação, entre outros. Desse modo, palavras como *atacarejo*, que a princípio não acarretam um aspecto “cômico”, ainda podem conter o núcleo [EVAL], mas com outra leitura. Exemplos de *blends* que carregam aspectos avaliativos não jocosos incluem *flurona* (*flu* + *corona*), que expressa a combinação de contaminação por gripe e COVID, e *Putler* (*Putin* + *Hitler*), que surgiu após o início da guerra entre Rússia e Ucrânia. Nesses últimos casos, a leitura de [EVAL] pode ser facilmente identificada como pejorativa.

7 O núcleo [EVAL] também poderia, logo, interagir com as estruturas da língua de outras maneiras, realizando-se como um sufixo, por exemplo, em outras situações. Grosso modo, translinguisticamente, pode haver tanto *blends* sem cunho avaliativo quanto pode haver tal viés sem que se forme um *blend*.

Basicamente, a estrutura em (2) diz então que dois elementos nominais ( $n_1$  e  $n_2$ ) são associados na sintaxe como um sintagma, que depois recebe a leitura avaliativa via a entrada do [EVAL]. Um novo núcleo  $n$  ( $n_3$ ) entra a seguir na estrutura, para formar o composto. Se não houvesse o núcleo [EVAL] nessa estrutura, teríamos um composto simples, como *peixe-espada* ou, com dados como os nossos, algo como “cachaça-café”. A presença de [EVAL], porém, fará com que ambas as interfaces reajam a essa união: PF, unindo as duas palavras em uma (com base em fatores que exploraremos em instantes), e LF, inserindo a leitura jocosa característica dessas formações.

Nossa proposta, porém, incorpora parte do que é defendido por Minussi e Nóbrega (2014), com a postulação de que, após a sintaxe, no ramo de PF, ocorre um acesso adicional da Enciclopédia para que o efeito do [EVAL] se concretize. Em outras palavras, além de promover a leitura requerida pelo núcleo, a Enciclopédia também interage com PF para garantir que ela se manifeste da maneira como foi codificada naquela língua em específico. Esse acesso é necessário porque a leitura avaliativa se manifesta de maneiras diferentes de uma língua para outra, não sendo possível que o [EVAL], por si só, promova a mesclagem (poderia ser uma questão de entonação ou a adição de um item de vocabulário, por exemplo). É preciso o auxílio da Enciclopédia para que o efeito entendido como avaliativo pelos falantes se realize.

Para dar conta dos diferentes efeitos observados por Minussi e Nóbrega (2014) nos seus *blends*, nos quais há ora a sobreposição de segmentos idênticos, ora semelhantes em termos suprasegmentais, propomos que a “escolha” do ponto de mesclagem segue apenas preceitos fonológicos, baseados numa busca pela sequência que tem mais traços comuns às duas bases. Nesse sentido, seria algo semelhante à própria busca vocabular: sendo encontrada uma sequência totalmente idêntica, ela será o ponto de mesclagem (o que corresponderia aos *blends* fonológicos); na ausência de tal sequência, será buscada a mais próxima — ou seja, a que possui pontos suprasegmentais semelhantes, permitindo um reajuste após a mesclagem (o que corresponderia aos *blends* morfológicos); caso nenhuma delas seja encontrada, não haverá um *input* ideal do ponto de vista fonológico disponível, e o critério será a adequação de sentido, permitida graças ao acesso simultâneo da Enciclopédia (o que corresponderia aos *blends* semânticos). Na análise dos nossos dados, veremos que esse acesso é de fato relevante, pois por vezes ele interage de modo a “filtrar” formações que seriam fonologicamente boas, mas carregariam efeitos semântico-pragmáticos ruins.

Estabelecidas essas bases, podemos agora avançar para a análise dos nossos dados propriamente dita. Em virtude do espaço disponível, selecionamos apenas seis dados para apresentar uma análise completa, mas as considerações feitas aqui valem, de modo geral, para todos, já que os mesmos mecanismos regem a derivação. Escolhemos três dados da sequência “cachaça + sabor” e três da sequência oposta. Assim, esperamos abarcar

de maneira satisfatória as possibilidades de fusão previstas em nossa proposta e que são compatíveis com os dados<sup>8</sup>.

- (3) Análise dos *blends* da marca Cachaça na Garrafa™:
- a. **Cachaçafé** < cachaça + café: *blend* formado com a sobreposição de segmentos fonológicos idênticos, o /a/ final da sequência “cachaça” e o /a/ de “café”. Desse modo, a segunda palavra-fonte, *café*, foi reduzida, perdendo o /k/.
  - b. **Canelaça** < canela + cachaça: *blend* formado com a sobreposição de segmentos fonologicamente semelhantes<sup>9</sup>, o /a/ final da sequência “canela” e o segundo /a/ de “cachaça”. O ponto de sobreposição difere apenas porque o primeiro é átono e o segundo é tônico. Desse modo, a segunda palavra-fonte, *cachaça*, foi reduzida, perdendo o /kaʃ/. Existiria a possibilidade de formar *canelachaça*, caso em que os pontos de sobreposição são totalmente idênticos (átomos). No entanto, essa forma não se realiza provavelmente porque é muito longa, e a tendência é a de que o *blend* preserve o número de sílabas da palavra-fonte maior (MARANGONI JUNIOR, 2021).
  - c. **Cocachaça** < coco + cachaça: *blend* formado com a sobreposição de segmentos fonológicos idênticos, o /k/ de ambas as palavras, “coco” e “cachaça”. Desse modo, a primeira palavra-fonte, *coco*, foi reduzida, perdendo o /o/ final.
  - d. **Cachaçarina** < cachaça + tangerina: *blend* formado com o auxílio da interação enciclopédica, que age selecionando a melhor forma a partir de uma filtragem de semântica de mundo, uma vez que a sobreposição em segmentos idênticos e a junção em pontos em que há similaridade suprasegmental não trariam formas ótimas<sup>10</sup>. Desse modo, a junção das palavras-fonte ocorre nas vogais /a/ final de *cachaça* e /e/ de *tangerina*, o que resultaria em “*cachaçaerina*”. No entanto, o ditongo /ae/ não é lícito no português brasileiro. O que ocorre aqui, então, é um reajuste fonológico, no qual a vogal /e/ é apagada<sup>11</sup>. No caso em questão, tanto o apagamento do /a/ quanto do /e/ gerariam o resultado necessário. Todavia, como “*cachaçarina*” é mais opaco do que *cachaçarina*, isto é, não leva diretamente à palavra-fonte *cachaça* que serviu de *input*, o /e/ cai e o /a/ permanece — mais uma vez evidenciando uma interação com a Enciclopédia. Assim, a palavra *tangerina* perde a sequência /taNʒe/ e a junção ocorre com a prevalência da vogal /a/ final de *cachaça*.

8 Na exposição da análise, os segmentos marcados em itálico representam o ponto de sobreposição; já os segmentos sublinhados representam as partes preservadas das palavras-fonte.

9 Segundo Cristófaros-Silva (2001, p. 128), “sons foneticamente semelhantes (SFS) são aqueles que compartilham de uma ou mais propriedades fonéticas. Um par de sons foneticamente semelhantes constitui um par suspeito”. Um dos casos mais frequentes de similaridade fonética é um som vozeado e seu correspondente desvozeado, como /ʒ/ e /ʃ/.

10 Essas formas que seriam possíveis a princípio mas não se realizam serão exploradas adiante, após nossa proposta analítica. Mostraremos *blends* formados com a sobreposição em segmentos idênticos ou em pontos de similaridade suprasegmental que não seriam felizes do ponto de vista semântico.

11 Na MD, reajustes como esse são possíveis, desencadeados quando é gerada uma sequência fonológica



- e. **Larançaça** < *laranja* + *cachaça*: *blend* formado com a sobreposição de segmentos foneticamente semelhantes, o /ʒ/ de “*laranja*” e o /ʃ/ de “*cachaça*”. Ambos são fonemas fricativos pós-alveolares, diferenciando-se apenas na sonoridade, pois /ʒ/ é vozeado e /ʃ/ é não vozeado. Desse modo, a primeira palavra-fonte, *laranja*, perde o /a/ final, e a segunda palavra, *cachaça*, perde a sequência /ka/. A mesclagem em segmentos foneticamente semelhantes acontece com a prevalência do fonema fricativo pós-alveolar não vozeado /ʃ/.
- f. **Cachaçalão** < *cachaça* + *melão*: *blend* formado com a interação da Enciclopédia, que age selecionando a melhor forma a partir de uma filtragem semântica. Como no dado *cachaçarina*, aqui os segmentos fonologicamente idênticos ou semelhantes teriam como *output* uma formação pouco feliz do ponto de vista enciclopédico. Desse modo, a junção das palavras-fonte ocorre nas vogais /a/ final de *cachaça* e /e/ de *melão*, o que resultaria em “*cachaçaelão*”. O mesmo efeito visto em (d) ocorre aqui: para evitar o ditongo /ae/, um reajuste apaga a vogal /e/, preservando o /a/ de *cachaça* porque isso gera um *blend* mais transparente. Assim, a segunda palavra, *melão*, perde a sequência /me/ e a junção ocorre com a prevalência da vogal /a/ final de *cachaça*.

Uma questão a ser pensada é por que são exatamente essas formas que se realizam na língua, visto que, por vezes, há mais de um segmento idêntico ou detentor de similaridades suprasegmentais nas palavras que formam o *blend*. Abordamos isso brevemente nos dados em (d) e (f), mas de maneira superficial, então trazemos mais algumas contribuições a seguir. A contribuição da Enciclopédia é essencial para a determinação da forma que vence a disputa pela realização concreta na língua: havendo dois ou mais resultados igualmente adequados do ponto de vista da fonologia, ela servirá como o “filtro” que indicará o melhor para uso no mundo<sup>12</sup>.

Tomemos como primeiro exemplo a palavra *cachaçalão*. Nesse caso, seria igualmente possível que a mesclagem ocorresse entre o /a/ final de *cachaça* e o /ã/ de *melão*. Contudo, o resultado seria “*cachação*”, o que poderia ser associado a uma ideia de “*cachaça grande*”. Se a junção fosse ocorrer na tonicidade das palavras — um ponto com alto grau de similaridade suprasegmental —, o resultado seria “*cachão*” < “*cachaça*” + “*melão*”, um *blend* que não é transparente por ser um parônimo de *caixão*. Já em *cachaçarina*, a sobreposição de segmentos idênticos, ou seja, um dos três /a/ de *cachaça* e o primeiro /a/ de *tangerina*, geraria, respectivamente: “*cachaçangerina*”, *blend* muito grande com

---

inadequada às exigências da língua. Eles podem atuar de diversas maneiras, sendo uma delas a deleção de segmentos (cf. HALLE; MARANTZ, 1993).

12 Como apontam Harley e Noyer (2000), a Enciclopédia tem entre as suas funções o julgamento de o quão adequado é o uso das expressões linguísticas (em determinado contexto). A formalização desse processo vai além do escopo deste trabalho, por isso apenas apontamos as contribuições desse componente de maneira geral. Uma investigação mais detalhada dos processos específicos envolvidos na relação entre Enciclopédia e PF é um tema que merece atenção, contudo, e esperamos abordá-lo em trabalhos futuros. A Teoria da Otimalidade (PRINCE; SMOLENSKY, 1993) possui ferramentas robustas para lidar com essa interação, e uma interface entre os modelos teóricos pode ser promissora nesse sentido.



repetição de segmentos similares (/ʒ/ e /ʃ/), algo que a língua evita; “cachangerina”, *blend* opaco que não remete às palavras-fonte; e “cangerina”, *blend* ainda mais opaco, que não preserva quase nada palavra-matriz *cachaça*. Se a junção ocorresse na tonicidade das palavras, um ponto em que há alto grau de similaridade suprasegmental, o resultado seria “cachina” < “cachaça” + “tangerina”, forma que também não é transparente. Além disso, “cachina” poderia vincular o *blend* à palavra *chacina*. Desse modo, temos exemplos de resultados muito opacos, que não induzem às palavras-fonte que serviram de *input*<sup>13</sup>, sendo insignificantes para efeitos de venda. Prevalece, então, a forma adequada em termos de mundo. Isso evidencia a atuação da Enciclopédia, pois a semântica de mundo se localiza nela.

A intervenção da Enciclopédia pode influenciar até mesmo a escolha da ordem na qual os sintagmas se organizam. Em todos os nossos dados, o sentido é essencialmente o mesmo, “cachaça do sabor X”, mas a ordem alterna entre “sabor + *cachaça*” e “*cachaça* + sabor”. Como não há efeito semântico, deve-se concluir que ela também é regida pelos preceitos de mesclagem. Para se dar um exemplo prático de como isso ocorre, no dado *cachaçafé*, a alternativa iniciada pelo ingrediente não se realiza porque não é a melhor forma. Caso a primeira palavra fosse *café*, a sobreposição de segmentos idênticos geraria simplesmente “cachaça” (“café” + “cachaça”) ou “caça” (“café” + “cachaça”), palavras que já existem na língua com outro sentido. Isso obscureceria a combinação das palavras-fonte, impossibilitando a sua leitura como um *blend*. Por fim, em *canelaça*, caso o ingrediente iniciasse o *blend*, poderíamos ter algo como “cachaçanela”, uma sequência de possíveis implicações negativas — pois soaria como a expressão “cachaça nela”, dando a entender dar cachaça para uma mulher. Assim, essas palavras já existentes na língua bloqueiam as possibilidades iniciadas por *café*.

Cabe mencionar que não é apenas a Enciclopédia que atua como mecanismo de filtragem das formas possíveis para os *blends*. Naturalmente, como isso também envolve o ramo de PF, os preceitos fonológicos da língua são relevantes. Já falamos sobre isso quando estabelecemos as prioridades na formação do *blend*<sup>14</sup>: (i) formas idênticas, (ii) formas com semelhança suprasegmental, (iii) formas semanticamente associadas. Um exemplo disso em ação está no dado *cocachaça*. Qualquer outra possibilidade, como “cocaça” ou “cachaçoco”, não se realiza simplesmente porque o único segmento que se repete em ambas as palavras é o /k/.

13 Gonçalves (2003) aponta que a opacidade dos *blends* é um fator determinante para uma forma vencer a outra: a mais opaca perde a identificação das palavras-fonte no *blend* e, por isso, a mais transparente vence. Um exemplo é *portunhol* < *português* + *espanhol*, cuja alternativa seria “espanguês”, mais opaca.

14 Ressaltamos que não se trata de uma formalização aos moldes do *ranking* da Teoria da Otimalidade, mas sim um padrão geral que decorre do fato de que a Enciclopédia acessa as informações de PF num momento tardio. Logo, primeiro serão verificadas as informações fonológicas, para depois serem submetidas à avaliação quanto à sua adequação no mundo.

Além desse *ranking*, há ainda outros efeitos que podem atuar no processo, bem como é possível que tanto os requerimentos de PF quanto da Enciclopédia interajam. Um dado que exemplifica ambas as situações é *laranxaça*. Esse *blend* foi formado via junção de segmentos semelhantes, mas seria possível encontrar um segmento idêntico, /a/, nas duas palavras — o que deveria ser a prioridade em PF. Assim, seria formada “laranjaça” (“*laranja*” + “*cachaça*”). Essa, porém, não é uma boa opção em termos enciclopédicos, pois poderia causar a leitura de “laranja grande” (de modo semelhante a “*cachação*”), perdendo o *blend* seu sentido pretendido. Caso a mesclagem se desse no último /a/ de *cachaça*, teríamos simplesmente “laranja” (*laranja*” + “*cachaça*”), igualmente ruim. Por fim, caso fosse feita no primeiro /a/ de *cachaça*, teríamos “laranjachaça” (“*laranja*” + “*cachaça*”), que não é ideal do ponto de vista fonológico, devido à repetição de segmentos similares (/ʒ/ e /ʃ/), evitada pela língua.

As considerações feitas acerca das restrições que bloqueiam uma ou outra das formas possíveis foram incluídas apenas a título de exemplificação, já que são muitas as possibilidades, e não seria viável contemplar todas no espaço limitado deste trabalho. Elas servem apenas para apontar que existe, nos *blends* do português, uma necessidade de interação entre diversos fatores, entre eles a Enciclopédia, para a sua correta derivação. Em trabalhos futuros, seria importante analisar com detalhe os diferentes aspectos em jogo na composição dos *blends* que garantem sua realização na melhor forma.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, propusemos uma análise para a formação de nomes comerciais de bebidas alcólicas, que se caracterizam como *blends*, no âmbito da MD com base em Minussi e Nóbrega (2014), Nóbrega e Minussi (2015), Scher (2012, 2016), Scher e Marangoni Junior (2020) e Marangoni Junior (2021). Na derivação dos nossos dados, defendemos uma interface das propostas dos autores mencionados, na qual assumimos a existência de um morfema avaliativo, [EVAL], que promove a leitura cômica dos *blends*, e um acesso da Enciclopédia ao processo, que promove a sobreposição de segmentos fonológicos dos IVs inseridos nos nós terminais. Ambos são necessários em português e interagem para garantir não apenas a mesclagem das palavras-base, mas também que ela se dê gerando a forma mais adequada, tanto do ponto de vista fonológico quanto do ponto de vista semântico-pragmático.

Como desdobramentos do presente trabalho, encaminhamos a possibilidade de expandir o conjunto de dados e analisar, à luz da proposta apresentada, os *blends* comerciais vigentes na sociedade brasileira. Sugerimos também uma análise mais minuciosa a respeito dos aspectos que atuam certificando a derivação das melhores formas disponíveis para os *blends* e bloqueando as outras, menos adequadas.

## REFERÊNCIAS

CRISTÓFARO-SILVA, T. *Fonética e fonologia do português: roteiros de estudos e guias de exercícios*. 4. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2001.

EMBICK, D. *The morpheme*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2015.

GONÇALVES, C. A. V. Blends lexicais em português: não-concatenatividade e correspondência. *Veredas* (UFJF), Juiz de Fora, v. 14, n. 1, p. 16-35, 2003.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: HALE, Kenneth L.; KEYSER Samuel J. (ed.). *The View from Building 20*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1993. p. 111-176.

HARLEY, H; NOYER, R. Formal vs. Encyclopedic properties of vocabulary: Evidence from nominalisations. In: PEETERS, B. (org.) *The Lexicon-Encyclopedia Interface*, p. 349-374, Amsterdam, Elsevier, 2000.

MARANGONI JUNIOR, C. E. *A blendividade na formação de palavras: a derivação dos blends na interface entre morfologia, fonologia e pragmática*. 2021. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Lingüística Geral) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. DOI:<10.11606/D.8.2021.tde-18062021-182351>.

MARANTZ, A. No escape from syntax: Don't try morphological analysis in the privacy of your own Lexicon. *Penn Working Papers in Linguistics 4:2: Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1997.

MINUSSI, R. D.; NÓBREGA, V. A. A interface sintaxe-pragmática na formação de palavras: avaliando os pontos de acesso da Enciclopédia na arquitetura da gramática. *Veredas*, v. 18, n. 1, p. 161-184, 2014.

NÓBREGA, V. A. *Tópicos em composição: estrutura, formação e acento*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

NÓBREGA, V. A.; MINUSSI, R. D. O tratamento da morfologia não-concatenativa pela morfologia distribuída: o caso dos blends fonológicos. *Revista Letras*, Curitiba, n. 91, p. 158-177, jan./jun. 2015.

PRIETO, V. M. *Spanish evaluative morphology: pragmatic, sociolinguistic, and semantic issues*. 281 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Graduate School, Universidade da Florida, 2005.

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: constraint interaction in generative grammar*. New Brunswick: Rutgers University, University of Colorado, 1993.

SCHER, A. P. *Formas supostamente truncadas e suas classes nominais no português brasileiro*. Site Grupo de Morfologia Histórica do Português, USP. 2012. Disponível em: <[http://www.usp.br/gmhp/Dia/P1\\_12.pdf](http://www.usp.br/gmhp/Dia/P1_12.pdf)>. Acesso em: 8 nov. 2021.

SCHER, A. P. A study of truncated nominal forms in Brazilian Portuguese: Their Derivation and their relation to nonverbal form classes. In: KATO, Mary A.; ORDÓÑEZ, Francisco (ed.). *The Morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America*. New York: Oxford University Press, 2016.

SCHER, A. P.; MARANGONI JUNIOR, C. E. Novas evidências em favor de um morfema avaliativo – [EVAL]: formas nominais truncadas e blends em Português Brasileiro. *Fórum Linguístico*. Florianópolis, v. 17, número especial, p. 4636 – 4657, jul. 2020. DOI: <<https://doi.org/10.5007/1984-8412.2020v17nespp4636>>.

SIDDIQI, D. *Syntax within the Word: economy, allomorphy, and the argument selection in Distributed Morphology*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2009.

VILLALVA, A. *Estruturas morfológicas: unidades e hierarquia do Português*. Lisboa: FCT, 2000.

Artigo recebido em 4 de dezembro de 2021.

Artigo aceito em 26 de fevereiro de 2022.